



Director literario:

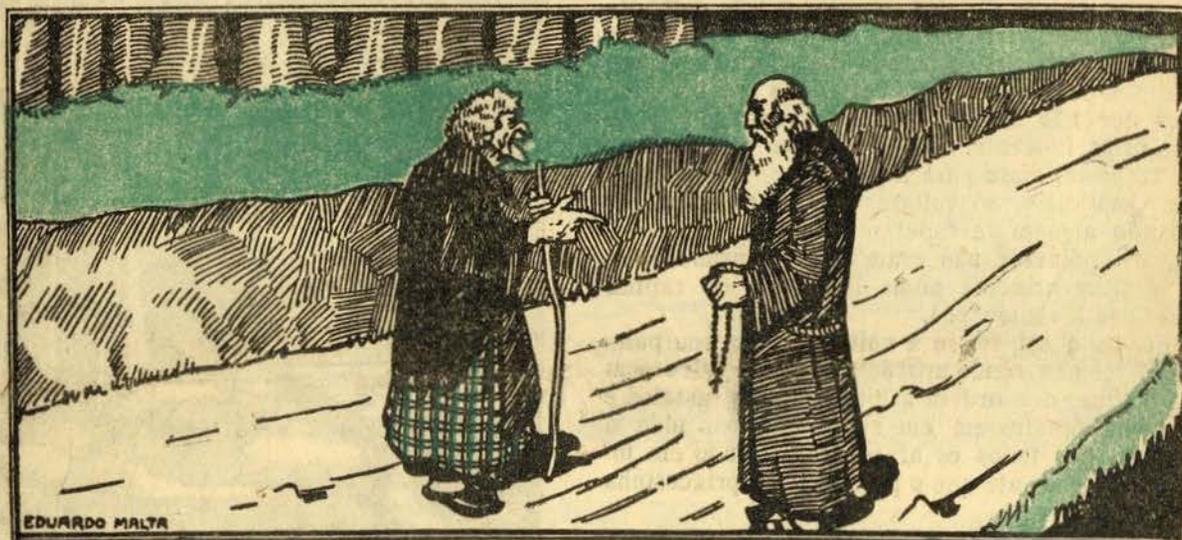
Augusto de Santa-Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



EDUARDO MALTA

A velha-rélha e o monge

por Augusto de Santa-Rita

ERA uma vez uma velha,
Velha-rélha,
Muito feia, muito feia,
Que vivia numa aldeia
Muito longe, muito longe!
Um dia em certo caminho,
Encontrou um velho monge,
Vélhinho, muito vélhinho,
Que dobrando o seu joelho
Se dispunha para orar...
Então a vélhinha ao velho,
Com um sorriso escarninho,
Preguntou-lhe o que fazia?!...
Porque é que o tempo perdia?!...
Que era melhor trabalhar,
Ou fumar ou beber vinho,
Que sempre eram melhor vício!
Volve-lhe então o vélhinho:
—«Trabalhar, humano officio,
Bem é preciso; porêrn
A reza, a oração também
E' outro officio divino!»
—«Mas de que serve?!...» (insistia;

Com sarcástica ironia,
A tal velha endiabrada) —
«Sempre colhe quem semeia;
Quem reza não colhe nada!»
—«Enganas-te velha!» (brada
O vélhinho à velha feia),
Responde ela: — «Colhe o quê?!»
Mas torna o monge: — «A semente
Germina dentro da gente,
Por isso é que não se vê!
Germina a lágrima, o beijo,
Amór, Bondade e Carinho!»
—«Eu só creio no que vejo!»
Responde a velha ao vélhinho;
Mas inda à vélhinha o monge
Delicadamente insiste:
—«Então tudo o que está longe,
Para ti já não existe?!...
Então vélhinha se crês
Apenas no que tu vês,
Como em ti te has-de fiar,
Se tu dizes o que pensas
E não vês o teu pensar?!»

Há imensas coisas, imensas,
Que se não podem olhar!» —

Meninos, sabeí ao cabo
Desta história singular,
Que a tal velha era o Diabo
Que o monge estava a tentar!



A PRINCESA BELA-GIRA-SOL

Conto de Maria Luiza Fonseca
Desenhos de Eduardo Malta

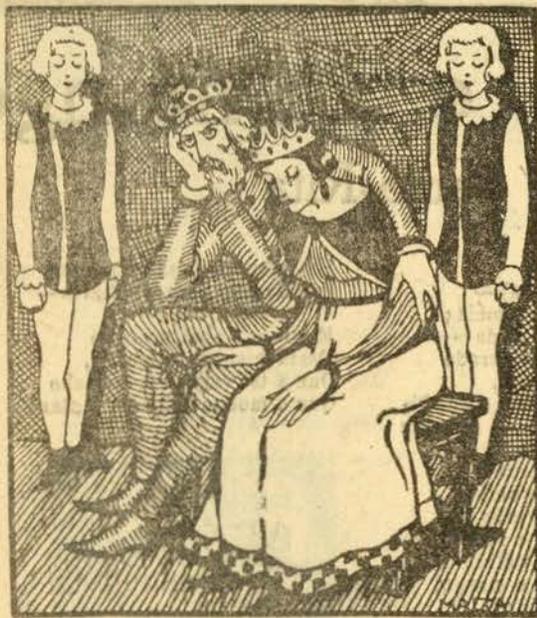
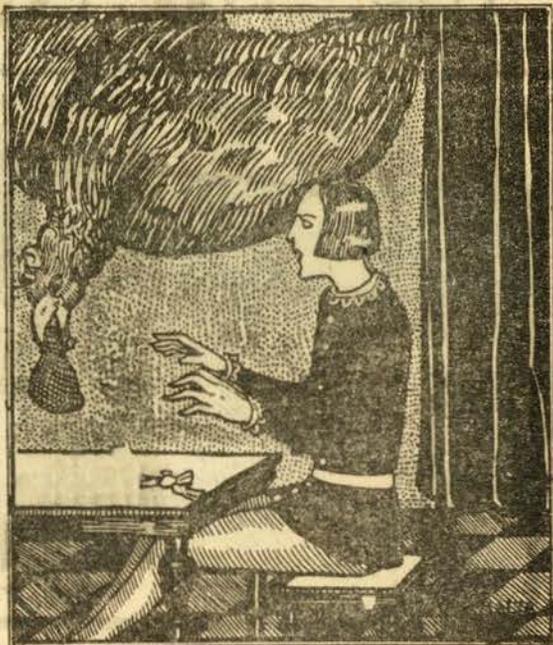
ERA uma vez uma fada muito má e que tinha muita inveja da princesa Bela-Gira-Sol, por esta ser muito linda muito boa e muito meiga. Só pensava a má fada na maneira de poder encantar a linda princesa e de nunca mais a tornar vér.

Um dia, andando a princesa a passear no parque, apareceu-lhe a má fada que lhe disse: — Bela-Gira-Sol, se não queres ser encantada numa ave de rapina, manda matar a tua aia Mafalda, que ontem me fez arreliar muito, dizendo-me que não havia fada tão má como eu.»

Ora a princesa, sabendo que a sua aia era muito bondosa, respondeu-lhe que a encantasse mas que não mandaria matar a sua aia, que sabia estar inocente. Então, a fada irritada com tal resposta, disse para a princesa: — « Pois bem, em vista disso, só voltarás à tua forma de hoje, quando alguém te espetar um alfinete na cabeça.» E, palavras não eram ditas, transformou-se a formosa princesa numa linda ave de rapina que logo levantou vôo.

Pôz-se o sol, fez-se a noite... e em seu palacio o rei não vendo aparecer sua filha, alvoroçado e aflito, deu ordem a todos os seus vassallos e criados que fossem em sua busca por toda a cidade, por todos os arredores, batendo em todas as portas, até que o paradeiro da princesinha

deixemos por agora os pais e vamos lá a saber o que teria acontecido à bela princesinha. Encantada em ave de rapina, entrou um dia no palácio dum outro rei que tinha também um filho, um filho muito bom. Enfiou pelo quarto do príncipe que estava a comer rebuçados — (este príncipe



fosse descoberto. E logo, criados e vassallos puzeram-se a caminho... Andaram muitos dias, muitas noites; por fim, desanimados, regressaram ao palacio do rei.

Podem, os meus meninos, imaginar como o rei e a rainha ficaram de tristes e chorosos. Mas...

era muito guloso) e tirou-lhe o pacote que continha os rebuçados, saindo logo em seguida pela janela. O príncipe ficou tão encantado com a graciosa ave que nem sequer se importou que ela lhe tirasse os rebuçados de que tanto gostava.

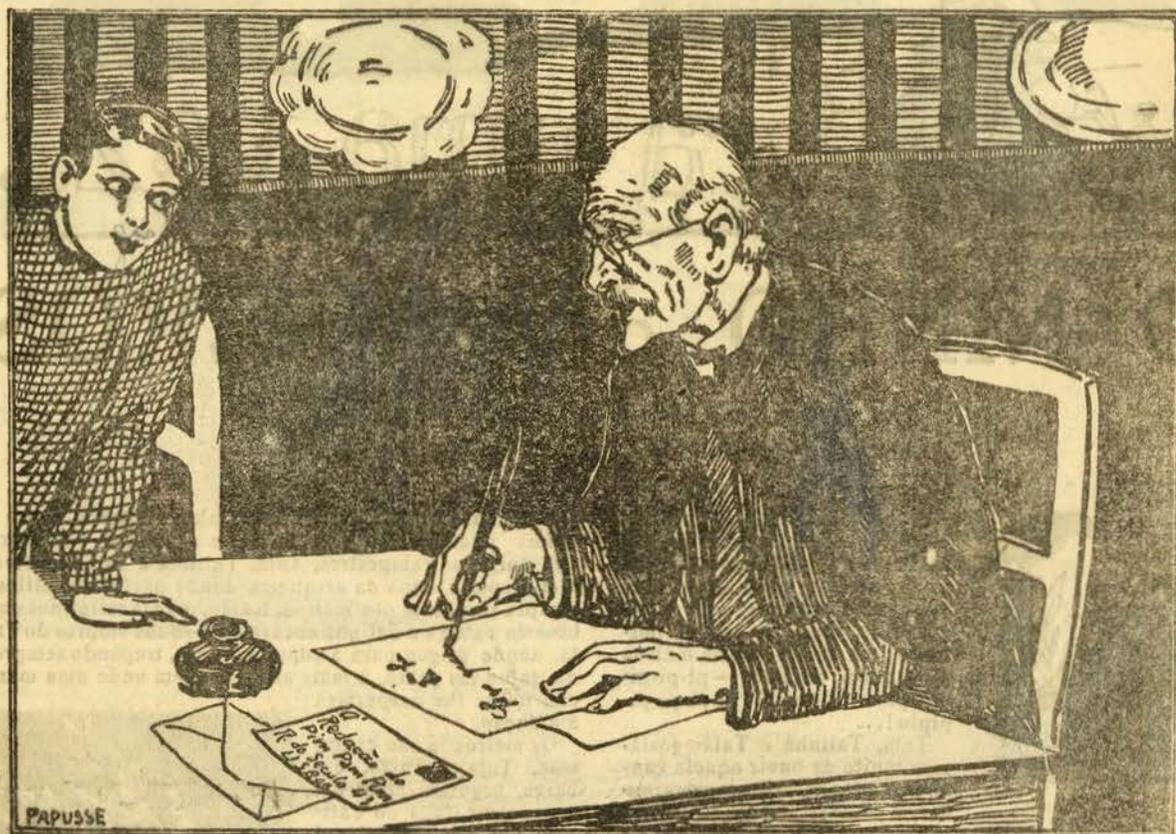
No dia seguinte voltou e tantas vezes fez isto que o príncipe uma lindá tarde a agarrou. A princesinha com medo que o príncipe a matasse pediu-lhe perdão, contando-lhe a sua história, e rogando-lhe, por fim, que lhe espetasse um alfinete na cabeça. O príncipe assim fez. Então, a ave de rapina transformou-se logo numa linda princesa. E o príncipe ficou extasiado perante a sua imensa formosura, declarando-lhe, comovido, que a iria levar ao seu palacio, onde os pais estavam inconsolaveis.

Mal chegaram, a princesinha sua filha, abraçando-os muito, contou ao rei e à rainha o que se havia passado com a má fada. O príncipe depois de receber os agradecimentos dos pais da princesa, pediu em casamento a mão da Bela-Gira-Sol. Casaram e foram muito felizes.

A fada má quando isto soube, deu um tremendo estouro e rebentou de raiva.

F I M

Biblioteca PIM-PAM-PUM!



— Avôsinho que estás a escrevêr aí?!

— Estou a encomendar à administração do *Seculo* uma assinatura anual da Biblioteca *Pim-Pam-Pum!*, para tu te entreteres e me entreteres aos serões.

Adivinhas

1

Qual a coisa, muito boa,
Que é singular e plural,
Sem ser primeira pessoa,
Por uma primeira vale?!

2

Mercado de coisas fartas...
Seu nome vem nos jornais,
A's segundas, terças, quartas,
Quinta, sexta, e nada mais?!

Decifração das anteriores:

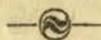
1— Bicho de seda. —2— Meia.

Para desembaraçar a língua

Fui a Belas para vêr velas...
Mas eu em Belas velas não vi,
Porque as velas que havia em Belas
Eram as velas
Que para Belas iam daqui.

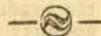
BALDOMERO HERRERA TAVORA

MENINOS:



Tanto este cão
correu atrás de
uma lebre, que
perdeu o caça-
dor!

Antes do cão o
farejar, vejam os
meninos se o en-
contram.





O NINHO dos MELROS

CONTO DE AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



UMA grande azinheira, ao fundo da horta de uma formosa quinta pertencente aos papás do Tatinha, do Tata e do Tatão, três estouvados meninos, era certo e sabido, todas as tardes, poisarem um melro e uma méloa cantando ao desafio: — pi-pi-pipipio! Pio-pio! Pi-pi-pi-pipio!...

Tata, Tatinha e Tatão gostavam muito de ouvir aquela cantoria. Todas as tardes iam merendar, e estudar as suas lições ou

lêr o «Pim-Pam-Pum» e os versos de Pápim à sombra da azinheira, para melhor ouvirem o pipipio dos melros pipilando.

Demais a mais tendo morrido o canário havia uma semana, deixando vasia a linda gaiola que, por acaso, se conservava ainda num dos umbrais da janela da casinha de estudo, perto do papagaio palrador, no umbral contíguo à porta da cosinha.

Numa linda tarde de verão, ainda o sol rebrilhava na águinha de prata, a deslizar nas



regueirinhas serpeando os canteirinhos da horta, entre o aroma alacre dos morangueiros e o perfume balsâmico das florinhas campestres, Tata, Tatinha e Tatão resolveram trepar à copa da azinheira donde partia o apetitoso pipipio pipilante dos melros. Então, o Tata saltou aos ombros do Tatão e o Tatinha encavalitou-se aos ombros do Tata, donde galgou para a copa da árvore, trepando sempre, de galho em galho, à mais alta ramaçgem onde uma mancha negra lhe despertara a atenção.

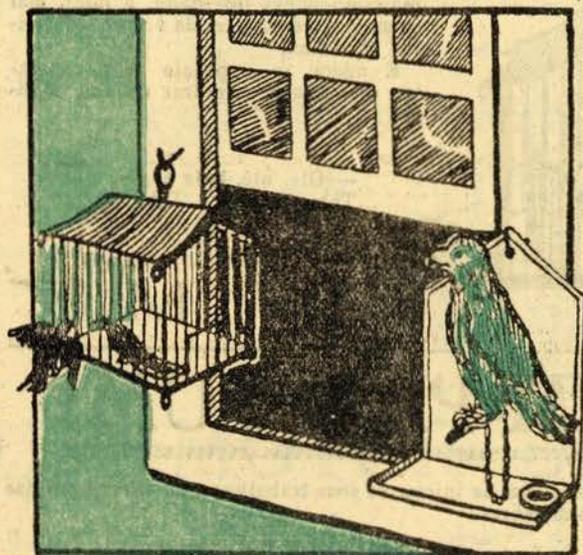
Os melros já não cantavam. Tata e Tatão, em baixo, seguiam atentos a grande escalada do Tatinha, até que, subitamente, sentiram um brusco



rumorejar de folhas e um bater assustado de asas latejantes, em fuga desordenada ao mesmo tempo que, ante os seus olhos perplexos, um melro negro sombriamente riscava o doirado lilaz daquela tarde amena. — «Fugiu, fugiu!» gritavam Tata e Tatão ao mesmo tempo. Mas o Tatinha descia agora da azinheira, trémulo de emoção e rubro de entusiasmo, sobraçando, na boina amarrotada, um misterioso embrulho.

— «Ajudem-me a descer...» gritava entusiasmado o Tatinha, — «senão não lhes farei uma enorme surpresa...» E, já presentindo-a, Tata e Tatão bradavam em coro: — «Bravo, bravo, já percebemos, apanhaste um melro!» — Então, auxiliando-o a descer, encaminharam-se aos pulos para casa onde, encostando a

boina à portinha aberta da gaiola, nela fizeram, cautelosamente, entrar a linda méloa que já não cantava mas pipilava ainda, agora num pipilar doloroso, olhando o ninho que ficara cá fóra e os cinco mélosinhos que pipilavam também, ora nas mãos do Tatão, ora nas mãos do



Tata, ora nas mãos do Tatinha. Saciada, por fim, a natural curiosidade, resolveram restituir à pobre mãe aflita os cinco mélosinhos já aconchegados na plumagem quente do ninho, agora colocado num dos cantinhos mais resguardados da gaiolinha doirada.

Tata, Tatinha e Tatão tão entretidos estavam que nem ouviram, sequer, o papagaio chamando-os na habitual lenga-lenga:

— «Olé, olé, como estão
Tata, Tatinha e Tatão?!»

Nisto, uma voz soou ao fundo de um corredor: — «Meninos, o jantar está na mesa. E, finalmente, despertados daquele encantamento do ninho, só agora ouviam palrar o papagaio repetindo, maquinalmente, a prevenção ca-seira!»

— «Meninos, o jantar está na mesa!» —

Em redor da gaiola fez-se um pesado silencio. Tata, Tatinha e Tatão sentaram-se à mesa, contando aos papás a scena do grande achado.

A profusa iluminação da sala, o ruído sonoro das louças e dos talheres, fazia crescer o entusiasmo dos três meninos que, durante todo o jantar, apenas falaram do grande acontecimento.

Entretanto, em redor da gaiola fez-se um grande silencio. Um silencio lúgubre, angustioso, profundo, apenas entrecortado por um piar doloroso que até contrangia o coração do papagaio, em seu poleiro a dois passos. Entrava de escurecer. Uma poeira de sombra, cinza do apagado incendio do sol, caía agora do céu, envolvendo no seu crepe nocturno a natureza nua. Imovel, celado, hirto em seu poleiro o papagaio não despregava os olhos da gaiola. Dir-se-hia condoído dos pobres prisioneiros.

Subitamente do beiral da casa, o melro que conseguira fugir, começou a esvoaçar em redor da gaiola, entoando, em côro, o mesmo pipilar afflitivo, até que, num desespero, se atirou bruscamente contra o grandeamento de arame da abominavel prisão. E tanto o espicaçou que o biquito amarelo estava agora vermelho de sangue, do sangue que lhe jorrava da pequenita cabeça e do pescoçinho tenro, já quasi desplumado.

Imovel, calado, hirto o papagaio não despregava os olhos da gaiola.

Vendo, por fim, baldado o seu impotente esforço para arrombar a prisão o mélo partiu, voltando momentos depois, trazendo no bico, inda vermelho de sangue, o sustento para os amados filhos e para a méloa amada.

Um diálogo dramático, um novo entrecortado choro pipilante, era a única nota a destoar no pesado silencio que envolvia, em seu poleiro a dois passos, o papagaio que imovel, calado, hirto, não despregava os olhos da gaiola.

*

No dia seguinte, a manhã raiou alegre como uma andorinha voando livremente, como janela aberta par em par, como os meninos quando saiem da escola. Uma linda manhã cheia de luz, com o céu muito azul e o campo muito verde.

Tata, Tatinha e Tatão acordaram mais cedo, vestiram-se a correr, desceram a escada a quatro e quatro, e ala que ala... foram vêr os mélos. Lá estavam, muito tristes, ao canto da gaiola.

O papagaio, mal viu os três meninos, pôz-se logo a palrar, porém desta vez, com ar tristonho, sisudo e uma certa mágua na voz:

— «Olé, olé como estão,
Tata, Tatinha e Tatão?!»

Os meninos estranharam o tom ao mesmo tempo grave e repreensivo com que o papagaio os cumprimentava e, então, o Tatinha aproximando-se um pouco do poleiro, perguntou-lhe:

Loiro, meu loiro,
Estás zangado comnosco?!

E o papagaio respondeu-lhe:

Oh, sim,
Olé,
Zangado comvosco.

E mais esperto que os outros papagaios, que falam sem saber o que dizem, começou a ralhar muito acertadamente:

— «Pudera! Se vocês percebessem como eu a voz dos



outros animais que não sabem falar como nós, não teriam feito o que fizeram aos pobres passarinhos. Passei aqui a noite a escutar-lhes as queixas, Cortava o coração...

— «Então, que diziam eles?!» perguntaram, ao mesmo tempo, Tata, Tatinha e Tatão. E o papagaio começou a servir de intérprete dos mélos, isto — é: a explicar o que haviam dito, na sua voz estrangeira, os pobres passarinhos. Que parecia impossivel que houvesse meninos tão bonitos com tão mau coração. Que não tinham roubado nada a ninguém, para serem assim aprisionados. Que Deus havia feito o céu para os passarinhos, livremente, voarem. Que não havia o direito de se proceder contra a vontade de Deus!

Os estouvados meninos, muito calados, à medida que o

Continuação do conto: — O NINHO DOS MELROS

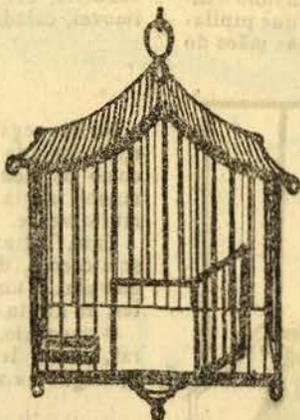
papagaio falava, iam baixando os olhos, arrependidos da feia acção que haviam cometido.

Porém, o papagaio continuava a ralar: — Os meninos só teem uma desculpa; é a de não perceberem a fala dos passarinhos. Porque... como diz o vosso poeta Augusto Gil:

— Se aquilo que a gente sente,
Cá dentro, tivesse voz:
Muita gente, toda a gente
Teria pena de nós!

Então, o Tatinha, já muito comovido, poz-se a dizer:

— «Tens razão, papagaio! Eu não calculava que êles sofressem tanto.»



E, indo direito à gaiola, auxiliado pelo Tata e pelo Tatão, tirou o ninho de dentro e foi collocá-lo na azinheira, no mesmo sítio em que estava, pondo a melroa também em liberdade, a qual, mal os meninos desceram da árvore, foi poisar no ninho.

E agora, o papagaio todo contente, continuava a palrar do seu poleiro:

— «Olé, olé, bela acção,
Tata, Tatinha e Tatão!»

F I M

Concursos do PIM-PAM-PUM!

Deve reunir-se num dos primeiros dias da proxima semana, a fim de iniciar os seus trabalhos para apreciação das provas dos nossos concursos, o júri constituído pelos 5 illustres membros:

Dr. Trindade Coelho, Carlos Selvagem, José Pacheco
Augusto de Santa-Rita, Eduardo Malta.

Devido à enorme quantidade de originaes recebidos e na impossibilidade de, ainda neste número, acusarmos a recepção de todos, continuaremos a publicar a lista dos seus autores pelas suas respectivas séries:

Serie A

Arlindo de Lima Campo, Nair Martins Vieira, Maria Neves Cabrita, Francisco Pombal, Cuca, Maria Augusta Saigueiro, José Nobre Lança, Henrique Silva, Adelia Nunes Peste, Maria Adelaide Martins Morato, Joaquim Fação Lucas, Maria M. T. Ragel Tristão, Maria Emilia da Camara, Manuel Pombal, Henrique C. Neves, Vasco M. Cabrita, Antonio dos Santos Viçena, Gumercinda Mesquita da Silva, Lica Paes, Ariete Martins Vieira, Fernando Marques Mano, José Adolfo Rangel Tristão, Maria José Marques Fugaça, José Juato Pereira Faustino, Custodio Marcelino Chagas, Ernesto Mendes Pereira, Noemia F. Cruz, Antonio de Abreu Graça Junior, Maria Marques Fugaça, Sousa Ribeiro, Manuel Matos Ferreira, Amadeu da Silva Fernandes, Antonio Netto da Silva Guimarães, Antonio Moreira d'Oliveira Baptista, Branca Vasco, Maria Anjo de Deus, João Oliveira Mano, Abilio Ribeiro de Moura, Maria Judith de Sousa Otto, João Dias Nobre, Joaquim Carlos Figueira Moreno, Alfredo da Costa Carvalho, Fernanda de Lacerda Cabral, Francisco Brazão Carichas, Joaquim Aragão Camoim Feas, Maria da Piedade Silva, Irene Alves, Maria José Veloso Moreira, Filipe Carvalho da Silva, Beatriz Nobre, Maria da Silva Teixeira, Vitor Ribeiro de Carvalho, Maria Ferreira da Silva, Maria José Mexia Tierno da Silva, Emilia Vieira Dias, Alexandre Anaquim e Cruz, Alvaro Filipe da Fonseca, Fernando Antunes Pinhão, José Martins Felix, Mario Lopes Mena Neves, José de Almeida Rijo, Maria Amalia e Manuel Menezes Cordeiro, Jordano Pinto Soares, Antonio Pinto dos Santos Rato, Abel Festas Cancela de Abreu, Manuel Matos Rodrigues, G. de Sousa Ribeiro, José Tavares Baptista, Joaquim de Brito Abrantes, Armando Julio Aguiar Junior, Maria Luiza Paes Rocha, José Pereira Zagallo, Bêbe Cyrne, João Adelino Dias Pena, Armando Patrocínio, Francisco Reis, Ernesto Fernando Paiva, Carlos Duarte, Antonio Augusto

Tavares Teles, Antonio Alvaro Cavique Aryela, Georgina Pinto de Campos, Aristides Campos Fragoso, Hifodoro e Eduardo Ce-
bastião Frescato, José Augusto Arves de Moura Cardoso, Selina Candida Luz Azevedo e Bento A. Barboza Azevedo, José José Carvalho Inac o, Gicelia Almeida e Silva, José Tavares Baptista, José Eugenio, Escola Central de Montemor-o-Novo, Julia Antunes Franco, José Maria Mendes Paula, Raul Nunes Teixeira.

Serie B

Ligia e Oscar de Campos Fragoso, João Castanho Soares, Napoleão da Azambuja, Maria Gabriela, Eduardo Pedroso de Lima, Manuel Alberto Teixeira, Antonio da Assunção Gomes, Maria do Carmo Paima Afonso, Armando L. de Almeida Manso, Miguel Rodrigues da Costa Paiva, Maria José R. Malta, Manuel Lorenzo Baptista da Silva, Aida Zigas Monteiro, Maria Otilia Tavares Corte-Real, José Ferreira Torres, Mario Godinho, H. S. M. Maria Julia Dias Ferrão, José Flavio Baptista Martins, Augusto Humberto Valente, Antonio Cohen Sarmento, Artur Victor dos Santos, Agostinho de Oliveira, Antonio Vilar, Graciete Vidas Alves, Artur Ferreira Carvalho, Margarida Labralos, J. Ruas, Alice Reis Soares, Maria Julia Marigone Vaz, Vitor Antonio, Cacilda dos Santos Trindade, Olavo de Eça Leal.

Serie C

Augusto Conceição e Sousa, José Alves dos Santos, Anonimo, Hugo Lopes de Andrade Anadino, Durval de Lima, Joaquim Lazaro da Silva, Cavaieiro da Aventura, Maria L. R. Ribeiro, Antonio Barros, Carlos Queiroz, Augusto Rodrigo da Conceição e Souza, Jork e Lancaret, Maria Antonieta, Dade dos Santos, Maria Delta Tomás, Maria Rosa Reseda, José da Rocha Pereira.

CORRESPONDENCIA

Var. a José da Silva Nunes—Recebi o conto. Parece impossível que com a idade que tem, se considere uma velha...

Estamos tratando de preencher em parte, a grande falta a que se refere.

Muito obrigado pelo resto...

Eduardo Fernandes de Matos—A história tirada da tua cabeça, foi para concurso. Um abraço.

Anselmo dos Santos Ferreira—Queira pedir para a Administração os numeros que lhe faltam, mandando o dinheiro.

Lúcia Nascimento Mendes Godinho—Recebi as duas cartinhas e as histórias para o concurso.

Quando quizeres resposta breve escreve directamente paramim. Duas duzias de abraços e um beijinho.

Paulino Anastacio—Recebi o conto. Vai para concurso, porque não está muito... infantil.

Maria Teresa da Cunha Rodrigues—Recebi o conto para concurso. Espero um conto muito bem feito. Valeu?

Fernando Ernesto de Sampaio Ribetro—Pode ser colaborador quem quizer.

Januário A. Guerra—Tanto a história como a caravela, foram para concurso.

Manuel Romero Vaz Velho—Vai para concurso, mas não sabemos a série.

Artur Santiago Coelho—Parece-nos copiado... Dize-nos a que série pertence.

Emílio Guerra—Falta saber a série dos trabalhos que mandou. Espero que mande um conto muito bonito!

Saudades ao meu Januário...

En e u—Recebi o postal. Já estava para lhes perguntar.

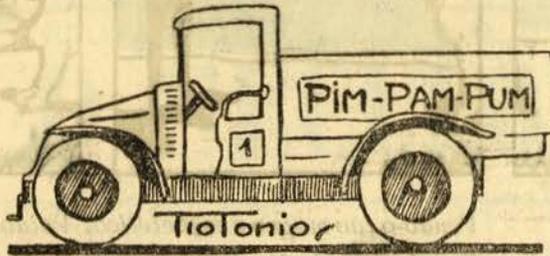
Manuel João da Palma e José Manuel d'as Dóres—Com respeito ás construções, já deviam ter visto o que se vai fazer muito brevemente.

Aurelina Trovão—Recebi a cartinha e o conto que está muito bonito. Se estiver nas condições, faça-lhe uns bonequinhos. Que tal?

Rei Juno—Meu caro amigo, não sei com franqueza se veio ou não. Não sou eu que estou encarregado desse serviço e acho que o melhor é esperar mais uns dias, para ver se no proximo numero já trago o seu nome.

HORA do RECREIO

Engenhocas do Tiotónio



UM MOTOR DE AUTOMOVEL

Quem é capaz de fazer o motor do automovel de hoje? Quem é?...
Ninguém respondeu e eu já tinha a certeza...

As peças da fig. 2 em relação às da fig. 1, ficam na seguinte disposição:
N.º 1 — na parte trazeira do «chassis», podendo até es-

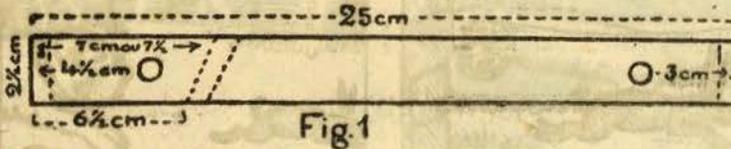


Fig. 1

São todos uns artistas!!!
Vamos a vê se me consigo explicar.

MATERIAIS

- 2 tábuas com 5 a 8 milímetros de espessura (fig. 1) e com as indicações acima, à qual farão dois furos redondos, como também está indicado.
- 3 tábuas (1, 2 e 3) da fig. 2.
- Engrenagem... um carrinho, um gancho de cabelo e

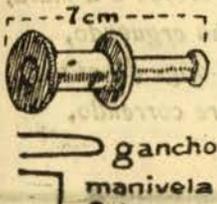


Fig. 3



Fig. 4

- um pausito (fig. 3).
- Eixos e rodas, de madeira ou cartão grosso (fig. 4).
- Elásticos: um em arco, e outro que pode ser dos das figas.

MANEIRA DE CONSTRUIR

Depois de terem feito estas peças todas, vamos ligá-las entre si.

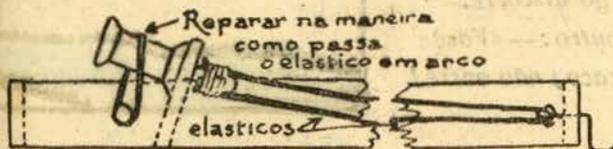


Fig. 6

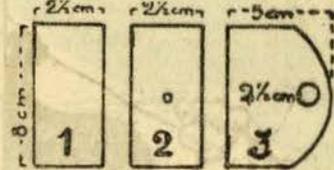


Fig. 2

crever-lhe qualquer numero para fingir que é o numero do automovel.

N.º 2 — a parte da frente com um buraquinho ao centro onde se aplica a manivela do motor.

N.º 3 — fica um pouco inclinada, a 6 1/2 cm. da parte trazeira do auto.

Como devem vêr, tem um buraco onde se aplica o pausito que está espetado no carrinho.

A esse pau, atam-se as pontas dos elásticos, cujo extremo liga com a manivela (fig. 5).

Dando volta à manivela, obrigam os elásticos a enrolem-se, o que dá em resultado o carrinho andar tambem à roda.

Esse movimento é transmitido ao eixo das rodas trazeiras pelo elástico em arco de que acima falo, que deve fazer o papel de correia de transmissão e deve ficar um pouco esticado.

Deem à manivela, prendam-na, larguem o automovel e ele aí vai a andar que é uma beleza.

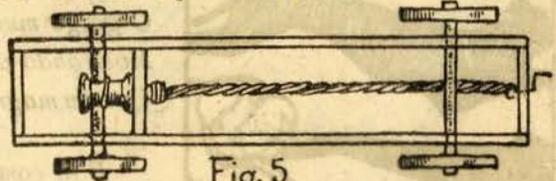


Fig. 5

Para bons entendedores meia palavra basta...
N. B. — Não me responsabiliso pelos atropelamentos que o automovel faça.

Estou pronto a dar quaisquer esclarecimentos que desejem.

A PROXIMA CONSTRUÇÃO

UMA PISTOLA!

O "bull-dog" e o galgo



*Certo bull-dog alemão,
Ao passar por um cão galgo,
Poz-se a rir, com mangação,
Do seu ar nobre e fidalgo.*



*Vendo-o tão magro e esquelético, Vaidoso da corpulência,
Eis lhe diz:—«Você não come?! E cheio de presunção,
Com certeza que está ético, Deve passar muita fome!*



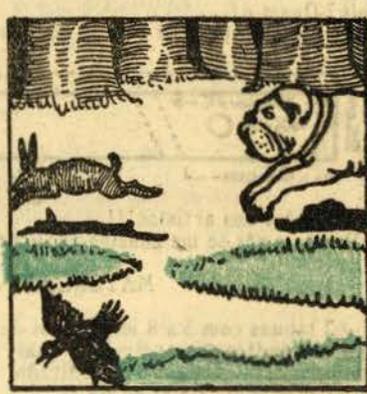
*Continuava:—«Vócencia,
Jesua por devoção?!»*



*Desdenhoso, em sua frente,
O galgo todo elegancia,
Ouvia o cão insolente,
Sem lhe ligar importancia.*



*Nisto detrás de um casebre,
Que dali perto se via,
Súbito salta uma lebre
Numa veloz correria.*



*Por entre os brejos e a mata,
O feio focinho erguendo,
Logo o «bull-dog» desata
Atrás da lebre correndo.*



*Entanto, passa-lhe à frente
O galgo muito mais ágil,
Mostrando ao cão insolente,
Que um magro nem sempre é frágil.*

*E já com a lebre ao pé,
Agora, o galgo dtcorre,
Dizendo ao outro:—«Você
Deve estar fraco; não corre!*

